

## A Constituinte

## O PMDB e o PFL voltam a conversar

Todos admitem que o clima melhorou, que é possível um entendimento até o dia 10 para votar o regimento, mas o PMDB avisa: não se submeterá aos caprichos do PFL.

A manobra do PMDB, na última quarta-feira, que transferiu a votação do regimento interno da Constituinte para depois do Carnaval, foi considerada ontem pelo presidente Sarney como "muito positiva". Ele acredita que, até lá, as bancadas do PMDB e do PFL terão tempo suficiente para reiniciar o diálogo. E o consenso ainda é possível, na opinião dos líderes de ambos os partidos. "A ordem é só deixar Brasília quando o entendimento for concretizado", esclareceu o líder do PFL, José Lourenço, depois de participar ontem de uma reunião com o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

Da reunião participaram também o líder do PMDB, deputado Luiz Henrique, o vice-líder João Hermann e o líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli. A ausência do líder do governo, Carlos Sant'Anna, foi explicada secamente por Lourenço: "O anfitrião é o doutor Ulysses". E todos saíram otimistas depois de hora e meia de conversa. Lourenço destacou que todas as divergências foram colocadas à mesa e que a reunião serviu para quebrar o clima de confrontação: "Eu disse várias vezes que queremos o entendimento e agora acho que isso é possível".

Ulysses também saiu satisfeito, alertando, porém, que o entendimento não deverá implicar em derrota de nenhuma das partes: "Chegaremos a uma proposta que atenda aos interesses da Constituinte". E, para chegar a isso, novas rodadas de negociação foram acertadas para hoje e amanhã. O objetivo é votar o regimento na semana entre 9 e 13 de março, embora alguns parlamentares sejam de opinião que o espaço de tempo é pequeno para encontrar uma solução que atenda às duas partes. Eles prevêem que a votação ocorrerá só na semana seguinte, lembrando que a posse dos novos governadores, no dia 15, pode desviar a atenção dos constituintes.



Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado, com Ulysses: novo diálogo.

## Dia 10

Para o senador Fernando Henrique Cardoso, relator do projeto de regimento, a votação deverá mesmo ocorrer na terça-feira, dia 10 — com ou sem formalização de um acordo com o PFL. "O PMDB tem força para aprovar sozinho o regimento e não vai sujeitar-se aos caprichos do PFL", concordou o líder Luiz Henrique. "O projeto do José Lourenço é colocar uma cunha no PMDB para dividi-lo. Mas se pensa que nos vai dividir está muito enganado", completou, pouco antes da reunião das lideranças com Ulysses.

O líder do governo, Carlos Sant'Anna, que conseguiu esvaziar o plenário na última quarta-feira, declarou ontem que está disposto a colaborar. "Estou certo de que ninguém vai botar tapete vermelho para eu passar", disse, referindo-se às dificuldades que o aguardam. Mas negou que pretenda medir forças com Luiz Henrique: a partir de agora — disse — vai incentivar a sustentação do governo, através dos coordenadores das bancadas com os quais acredita estar articulando boa base política. "O episódio

de anteontem serviu para provar que o partido mudou e não aceita imposições de nenhuma de suas alas", analisou.

Certo mesmo, porém, é que os parlamentares não pretendem aceitar o que chamam de "intromissão" do Executivo no Legislativo. Na sessão de ontem da Constituinte, a deputada Irma Passoni (PT-SP) criticou com dureza o comportamento de Sant'Anna por tentar adiar a votação do regimento e, depois de negada sua pretensão, comandar o esvaziamento do plenário. "Essa intromissão foi lamentável", atacou Irma.

A CNBB também interpretou como "pressões" do Executivo a ação do líder Sant'Anna. "As perspectivas não são boas para a verdadeira democracia", assinalou a entidade ontem, através de um boletim. "Não está fácil descolar o centro do poder político das elites dominantes para o povo, nas pessoas de seus legítimos representantes eleitos pelo voto direto". E concluiu: "Só o funcionamento autônomo da Constituinte garantirá a liberdade e a soberania do processo de instauração de uma nova ordem constitucional".

## "Deprimente"

BOs Parlamentares que se retiraram do plenário, impedindo a votação, foram responsáveis por um "espetáculo deprimente", segundo o deputado João Agripino (PMDB-PB). "Foi um espetáculo que envergonha a Constituinte e que aconteceu graças à posição irredutível do mesmo partido que havia pedido dilatação do prazo para a apresentação de emendas", atacou. "O pedido foi acolhido e mais de 500 emendas foram apresentadas. Mas esse partido, não satisfeito, decidiu fugir, blefar e impedir que a Constituinte desse uma demonstração de que está trabalhando."

A bancada do PDC — cinco deputados e um senador — também deplorou os acontecimentos da quarta-feira. E distribuiu ontem uma nota apelando ao PMDB e ao PFL para que reexaminem suas posições — "e atuem em harmonia, aprovando o projeto do regimento o mais rápido possível, para restaurar a confiança do povo na classe política".

O episódio, enfim, provocou críticas contundentes do PMDB ao PFL. "O PMDB é maioria e não se vai sujeitar à minoria do PFL", voltou a repetir o líder Luiz Henrique. Que também não poupou críticas a Sant'Anna, "cujo comportamento na quarta-feira será avaliado pela bancada do partido".

De resto, Luiz Henrique acredita que a Aliança Democrática saiu arranhada dos acontecimentos — e acentuou que o PMDB não abrirá mão de suas posições. Com mais dez dias de negociações, contudo, o governo, o PFL e Sant'Anna acreditam que poderão acalmar os mais entusiasmados com a tese da soberania da Constituinte. E, segundo comentários ouvidos ontem no café da Câmara, a tentativa pode dar certo: há cargos a preencher em escalões importantes, além de novas emissoras de rádio a conceder.



## Um apelo de Sarney, pela Aliança.

Preservar a Aliança Democrática, reabrir as negociações entre o PMDB e o PFL e conseguir a votação do regimento interno da Assembleia Nacional Constituinte, a partir do dia 10 de março: este foi o entendimento a que chegaram anteontem à noite o presidente da República, José Sarney e o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães.

O encontro entre os dois foi na residência de Ulysses, onde Sarney compareceu para cumprimentar dona Mora Guimarães, que aniversariava. "Precisamos ficar juntos. Precisamos trabalhar juntos, dr.

Ulysses, porque senão quem vai sofrer é o nosso Brasil", disse Sarney a Ulysses, que concordou e tomou providências imediatas, promovendo o encontro da tarde de ontem entre os líderes do PFL, José Lourenço, e do PMDB, Luiz Henrique (ver matéria acima).

Na quarta-feira, estiveram também na residência de Ulysses, além de Sarney e outras autoridades, os ministros do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, das Relações Exteriores, Abreu Sodré, da Fazenda, Dilson Funaro, da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães, da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, e da Administração, Aluizio Alves.

A grande preocupação do presidente Sarney é a preservação da Aliança Democrática e a promulgação de uma Constituinte que seja resultado de consenso. "Nuvens negras pairam sobre a Aliança Democrática", teria dito Sarney, ontem, ao receber pela manhã alguns parlamentares para discutir o impasse para a votação do regimento interno da Constituinte, em função da retirada de plenário da bancada do PFL, o que provocou falta de quórum.

Segundo Sarney, esse episódio reforça a necessidade de entendimentos entre os políticos e de criação de novos "caminhos informais" para negociar um acordo. Seu medo é que a discussão em torno do regimento se arraste por mais tempo e desgaste ainda mais a Aliança Democrática, segundo informou o senador Gerson Camata (PMDB-ES), que também esteve no Planalto.

Sarney previu, em sua conversa com os parlamentares, que a situação tende a agravar-se quando forem discutidos os temas que envolvem interesses diretos do Executivo. "A Constituição precisa ser resultado de um consenso. Ao final dos trabalhos constitucionais não poderemos ter uma Carta dividida entre os que apóiam e os que são contra. Ela deve ser fruto de um consenso", disse o presidente da República.

## Início de reaproximação

"Precisamos conversar", disse Ulysses ao líder pefelista José Lourenço, ao convidá-lo, ontem, no início da tarde, para a reunião com o líder do PMDB, Luiz Henrique, em sua residência oficial, no Lago Sul. Ulysses, no dia anterior, mas antes da conversa com Sarney, dissera, bem-humorado, a José Lourenço, que os dois iriam "para o confronto".

Pouco antes das 17 horas de ontem, indagaram de Luiz Henrique se iria também participar da reunião com Ulysses e José Lourenço e ele respondeu: "Que reu-

nião? Não sei de nada. Quem disse isso?" Pouco depois ele foi chamado ao telefone e voltou com outra conversa: "O dr. Ulysses confirmou a reunião. Fui convidado e irei".

O próprio Ulysses, enquanto isso, procurava minimizar a crise, e chegou a negar a possibilidade de rompimento da Aliança Democrática em função disso. "Abalos são normais nas alianças: é como briga de casal, que não dá em divórcio nem dá em desquite."

Advertiu, contudo, que o regimento interno existe para resolver e não para tornar as coisas insolúveis: "Se o próprio regimento já constitui um impasse, é a negação da condução dos trabalhos da Constituinte".

Sobre as possíveis turbulências que terá de enfrentar na condução das votações futuras da Constituinte, Ulysses afirmou que sempre vai procurar entendimentos prévios. Mas não quis antecipar como será solucionado o impasse do regimento interno. "Detesto impasses, mas acredito que quem procura encontra. Não estou falando em tira artigo ou põe artigo; falo em entendimento político. Havendo essa vontade, como verifico em todas as correntes, chega-se ao entendimento."

## Animosidades

Antes, porém, de terem sido feitos os convites à reunião dos líderes na casa de Ulysses, em busca de um entendimento na Aliança Democrática, os ataques de pefelistas ao PMDB continuaram intensos. "Na Assembleia Nacional Constituinte não existe Aliança Democrática", afirmava, irredutível, o líder do PFL, José Lourenço, no que foi apoiado pelo peemedebista Roberto Cardoso Alves (SP). "A Aliança existe para apoiar o governo e não o PMDB. Continuamos apoiando firmemente o presidente José Sarney, sem as vacilações do PMDB", acrescentou José Lourenço.

O próprio presidente do PFL, deputado Maurício Campos (MG), engrossou o volume de críticas ao PMDB, afirmando que "a Aliança Democrática existe para dar sustentação ao governo do presidente Sarney e não para acompanhar as loucuras do PMDB na Constituinte". Segundo ele, no episódio da votação do regimento interno da Constituinte, o PMDB "mostrou que tem segundas intenções que os pefelistas não puderam aprovar".

Maurício disse que a saída do PFL do plenário "não significou nem poderia significar o rompimento do partido com o governo Sarney". Mas admitiu que os liberais pressionam suas lideranças no sentido de encaminhar para a oposição, tanto ao PMDB quanto ao governo: "Se fizéssemos uma convenção hoje, a maioria diria que o caminho para o PFL é o da oposição".

Além disso, a briga PMDB-PFL também se refletiu na viagem que o presidente Sarney fará a Salvador, no próximo dia 7 de março: a bancada baiana do PMDB anunciou que se recusa a acompanhar o presidente para participar da inauguração da Casa de Jorge Amado, em represália ao fato de terem sido indicadas duas pessoas do PFL para cargos importantes na área federal: a presidência da Chefia e uma assessoria no Gabinete Civil da Presidência da República.